

Ana Cláudia de Oliveira
Raquel Cardoso de Faria e Custódio



LITERATURA, EDUCAÇÃO E DECOLONIALIDADE



**INSTITUTO
FEDERAL**
Catarinense



PROFEPT
INSTITUTO FEDERAL
Catarinense

Oliveira, Ana Cláudia de.
O48l Literatura, educação e decolonialidade / Ana Cláudia de Oliveira, Raquel
Cardoso de Faria e Custódio. -- Blumenau, 2025.
46 p.: il.

Produto Educacional - Mestrado Profissional em Educação Profissional
Tecnológica (PROFEPT) – Instituto Federal Catarinense, Blumenau, 2025.
Orientadora: Raquel Cardoso de Faria e Custódio.

1. Ensino Médio Integrado. 2. Literatura Indígena. 3. Literatura Afro-Brasileira. 4.
Guia. I. Custódio Raquel Cardoso de Faria e. II. Instituto Federal Catarinense.
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. III. Título.

CDD 374.013
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária:
Shyrlei K. Jagielski Benkendorf – CRB 14/662

Descrição técnica do produto

ORIGEM DO PRODUTO: Trabalho de Dissertação de Mestrado Profissional: “O ensino de Literatura numa perspectiva decolonial: um olhar a respeito do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal Catarinense”, proposto ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, do Instituto Federal Catarinense, campus Blumenau, inserido na linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

PÚBLICO-ALVO: Docentes de Língua Portuguesa do IFC e de outras instituições de EPT, professores de Língua Portuguesa da educação básica, acadêmicos e pessoas interessadas na temática, com vistas a aprofundar o conhecimento a respeito da Literatura numa perspectiva decolonial.

FINALIDADE: Colaborar com as reflexões a respeito do ensino de Literatura numa perspectiva decolonial, com um material organizado para professores de Língua Portuguesa do Instituto Federal Catarinense e demais professores da educação básica, científica e tecnológica.

ÁREA DO CONHECIMENTO: Ensino.

DISPONÍVEL EM: EduCapes e biblioteca do Instituto Federal Catarinense, campus Blumenau.

IDIOMA: Português.

CIDADE: Blumenau, Santa Catarina.

ANO: 2025.



Carta aos docentes



Prezado(a) professor(a),

Com este guia educacional, espero poder auxiliar na sua formação continuada referente à temática da Literatura numa perspectiva decolonial.

Por meio dele, estima-se compartilhar referenciais teóricos, artísticos e textos literários que o/a inspire ao trabalhar com essa temática tão essencial, que frequentemente é esquecida.

Assim como é um convite para pensar as práticas coloniais que nos permeiam enquanto sujeitos e também enquanto trabalhadores da educação.

Que este conhecimento transborde para a sala de aula, de forma a alcançar também seus estudantes.

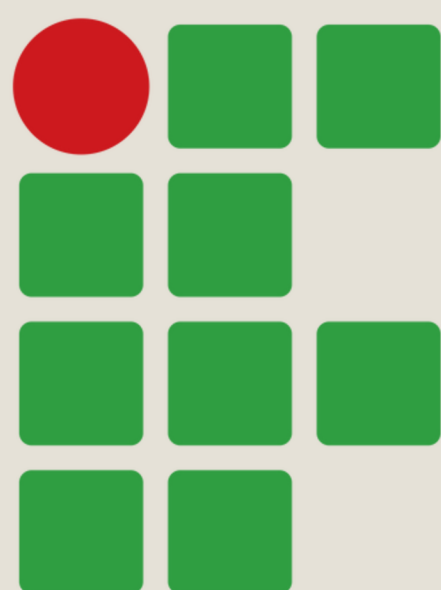


Ana Cláudia de Oliveira

Apresentação

Este guia é resultado de uma pesquisa de mestrado em que se abordam as percepções docentes sobre o ensino de Literatura no Ensino Médio Integrado (EMI) numa perspectiva decolonial. Nesse estudo, dialogamos com docentes de Língua Portuguesa do EMI de diferentes *campi* do Instituto Federal Catarinense.

Este material é um convite aos docentes de Língua Portuguesa e à comunidade acadêmica para refletir sobre as suas percepções sobre Literatura numa perspectiva decolonial alinhada à perspectiva da formação integral.



Com quem estamos falando?



O guia foi pensado com base nas respostas dos docentes de Língua Portuguesa do Ensino Médio Integrado do IFC, entretanto, ele pode ser utilizado por professores de Língua Portuguesa em geral, acadêmicos e pessoas que tenham interesse em conhecer mais sobre a Literatura numa perspectiva decolonial.

Sobre o que estamos falando?



Sobre percepções a respeito da Literatura na perspectiva decolonial, conteúdo essencial na formação dos professores de Língua Portuguesa, de forma a suscitar discussões a respeito das Literaturas afro-brasileiras, das Literaturas indígenas, da diversidade e de como isso se relacionada com EPT, a LDB, o ensino e a formação integral.

SUMÁRIO

1. Literatura	9
2. EP e dualidade educacional	10
3. EPT e a proposta da formação integral.....	11
4. Formação Integral e Literatura.....	13
5. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).....	14
6. Literatura afro-brasileira ou negro-brasileiras?.....	15
7. O que é racismo e por que é um problema nosso?..	16
8. Representações do negro na Literatura brasileira....	17
9. Escrivivências.....	18
10. Educação antirracista.....	19
11. Literaturas indígenas.....	20
12. Representações dos povos indígenas na Literatura brasileira.....	22



13.Literaturas indígenas na escola.....23

14. O que diz a legislação?.....24

15. Diversidade.....25

16. Colonialidade que nos permeia.....26

17. A questão Decolonial.....27

18. Qual a importância da perspectiva decolonial no espaço escolar.....28

19. O que é Interseccionalidade?.....29

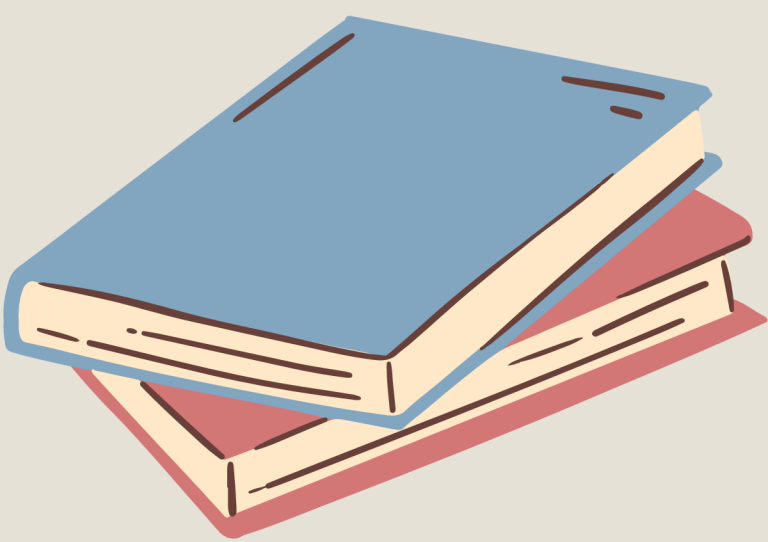
20. Sugestões de cursos livres.....32

21. Indicações de textos literários e ensaios.....33

22. Indicações Cinematográficas.....39

23.TED Talks e entrevistas.....41

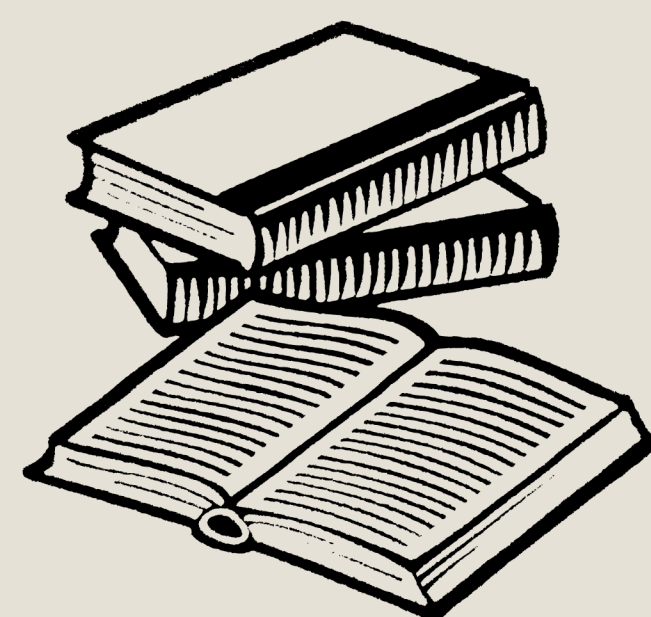
24. Referências.....42



1.Literatura

O que é Literatura? Nas palavras de Candido (2011, p.176) “chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”, assim podemos compreender a Literatura num sentido mais geral e democrático, como arte da palavra.

Ampliando este conceito, Macedo (2011, p.41) nos diz que “[...] a literatura, como conteúdo humano sofisticado, não monolítico, não unidirecional, produzido pelo conjunto da humanidade no processo histórico [...] permite justamente ir além das aparências fenomênicas mais imediatas, capturando a essência do real, em suas contradições”, isto é, a Literatura é uma forma complexa da expressão humana, não direcionada para uma única verdade, mas sim, abre espaço para as contradições, ambiguidades, debates, provocações e sobretudo a pluralidade de ideias.



2. EP e dualidade educacional

No Brasil, a Educação Profissional (EP) surge com a finalidade assistencialista a qual amparava “os órfãos desvalidos da sorte” (Moura, 2007, p. 6). Segundo o autor, essa lógica muda no século XX, pois a demanda das cidades exigia a formação profissional de operários para o trabalho manual.

Assim, o ensino era voltado à técnica pensada para o trabalho, para os filhos dos trabalhadores. Já a educação dos filhos da elite era o ensino propedêutico voltado à educação intelectual. Ou seja, a história da EP no país é marcada por essa dualidade que perpetua a desigualdade social (Moura, 2007).

“O aparelho escolar, com suas duas redes opostas, contribui para reproduzir as relações sociais de produção capitalista (Saviani, 1982, p. 15).”

Nessa lógica, a escola contribui para reproduzir as desigualdades, reforçando as estruturas sociais necessárias para a manutenção do sistema capitalista, isto é, uma sociedade de classes.



3. EPT e a proposta da formação Integral

Diversos autores, como Ciavatta (2014; 2005), Ramos (2008; 2005) e Frigotto (2005), discutem a proposta de travessia dessa dualidade, sendo uma delas a Educação Profissional e Tecnológica (EPT), com o Ensino Médio Integrado, uma esperança no horizonte.

Segundo Ciavatta (2014, p.198), “[...] o termo integrado remete-se, por um lado, à forma de oferta do ensino médio articulado com a educação profissional; mas, por outro, também a um tipo de formação que seja integrada, plena, vindo a possibilitar ao educando a compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso”.

Ou seja, uma formação que busque o desenvolvimento pleno do homem em todas as dimensões, na qual se possa pensar a educação para o trabalho, com a formação profissional e tecnológica, mas que também contemple, de forma articulada, a formação propedêutica.

Para os autores Frigotto; Ciavatta; Ramos (2005), é um problema político e ético assegurar que o ensino médio tenha uma base unitária para todos os cidadãos. Dessa forma, o que se almeja não é apenas atender as necessidades, mas também alterar as condições em que ela ocorre.

A base unitária pode ser entendida como uma educação que busca integrar diferentes áreas do conhecimento, sem fragmentações, combinando saberes técnicos e básicos. Em outras palavras: “o ensino médio integrado ao ensino técnico, sob uma base unitária de formação geral, é uma condição necessária para se fazer a "travessia" para uma nova realidade” (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005, p. 43).

Na busca pela formação integral, se pensa em construir um ensino médio “que integre as dimensões estruturantes da vida, trabalho, ciência e cultura, abra novas perspectivas de vida para os jovens e concorra para a superação das desigualdades entre as classes sociais” (Ciavatta; Lobo, 2012, p. 308).



Marcos históricos da EPT



- Um dos marcos da EPT no país foi a criação da Escola de Aprendizes e Artífices em 1909, seguido da criação do SENAI e SENAC.
- Somente em 1988, com promulgação da Constituição Federal, é que se alterou a perspectiva da educação profissional, expresso no artº 205: “como preparo da cidadania e qualificação para o trabalho”.

Confira a linha do tempo integral da EPT em:

<https://observatorioept.org.br/sobre-ept/linha-do-tempo>

4. Formação Integral e Literatura

A literatura é um dispositivo fundamental no desenvolvimento dos sujeitos, pois, segundo Candido (2011), ela nos humaniza ao nos fazer experienciar diferentes realidades e situações.

“A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade e ao semelhante” (Candido, 2011, p. 182) .

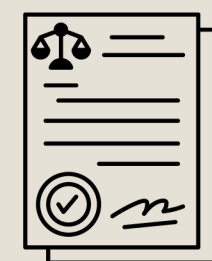
Assim, a Literatura nos desafia a pensar **o lugar do outro**, movimento essencial para desenvolver a criticidade e a empatia. Habilidades necessárias quando tratamos da formação integral, que pensa o homem na sua totalidade, nos aspectos culturais, sociais, humanos, científicos, éticos e de cidadania.

“A Literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada... É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade” (Cosson, 2018, p. 17).

Além disso, ela nos dá o poder de contar diferentes narrativas, valorizando diversas vozes e, portanto, fugir do perigo da **história única**, alertado por Adichie (2019).



5. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)



Qual a relação da Literatura e a LDB?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (lei nº 9.394/1996).

De acordo com o Art. 2º da LDB, a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Considerando o exposto, a Literatura tem muito a contribuir para a formação cidadã, uma vez que ela pode expor o leitor a diferentes perspectivas, de forma que reflitam sobre questões sociais, políticas e identitárias, assim como estimular a empatia, pois, por meio dela, podemos compreender experiências alheias, ainda que de forma ficcional.

No contato com as obras literárias e suas diversas narrativas, pode-se refletir a respeito das concepções de mundo: elas reforçam ideologias ou fazem contrapontos? O que revelam ou denunciam? Dessa forma, estimulam o diálogo, o que é pertinente num contexto de sociedade democrática com pluralismo de ideias.

Também podem ser entendidas como uma memória coletiva da sociedade, de modo a serem problematizadas para que exista uma compreensão do contexto histórico e social brasileiro.

6. Literaturas Afro-brasileiras ou negro-brasileira? ¹⁵

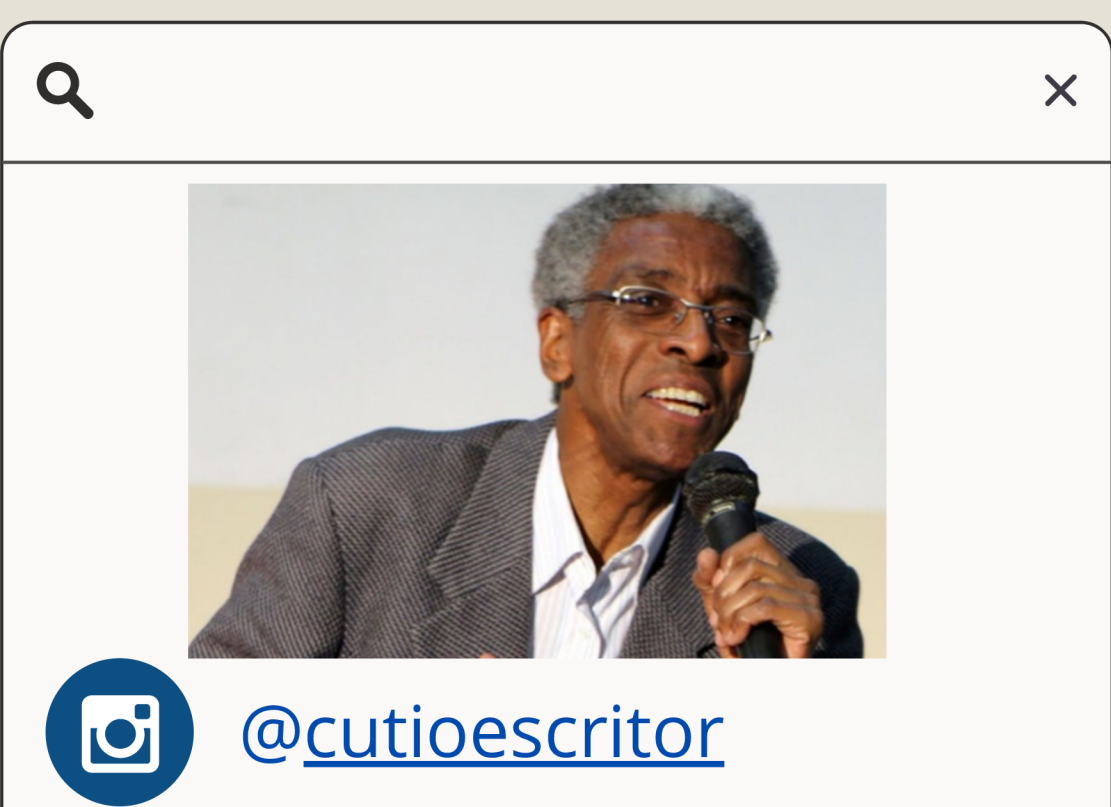
O que é?

Assim como as indígenas, existem diversas produções de Literaturas afro-brasileiras. Este guia adotará a concepção de Cuti, um grande escritor e intelectual contemporâneo que discute essa temática.

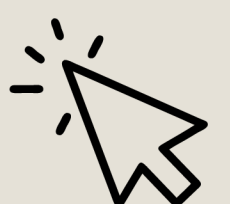
Assim, para Cuti (2010), o termo afro-brasileira tem a conotação de um “retorno ao continente africano”. A partir dessa reflexão, o autor traz como nova proposta a ideia do termo **Literatura negro-brasileira**, pensando na autoidentificação das pessoas negras no Brasil, problematizando que isso não é uma tarefa fácil, posto o contexto do racismo e da violência sofrido por esse grupo étnico em nosso país.

De acordo com Cuti (2010), as palavras são carregadas de sentido e trazem sua história, e o termo negro é uma opção consciente que se posiciona perante o **racismo** e o denuncia como uma realidade. Dessa forma, a linguagem importa, afirma uma identidade e ajuda a situar a discussão contra o preconceito racial.

Para além disso, o termo Literatura negro-brasileira destaca a autoria e protagonismo dos escritores(as) negros(as). Outro fator relevante é a memória. Segundo Cuti (2010, p. 89) ela “nos oferece não apenas cenas do passado, mas formas de pensar e sentir, além de experiências emocionais”.



Cuti - é pseudônimo de Luiz Silva, escritor, intelectual negro, que nasceu na cidade de Ourinhos, São Paulo. Foi um dos fundadores do *Quilombhoje*.



7. O que é racismo? E por que isso é um problema nosso?

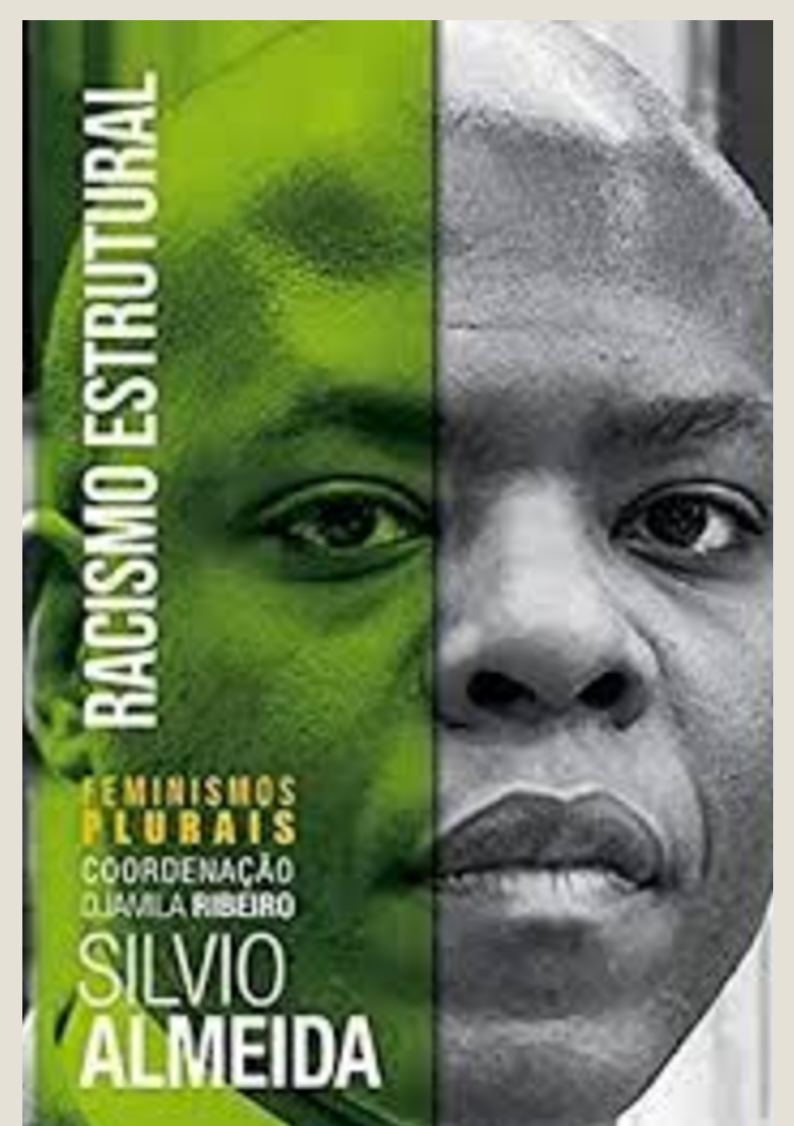
Almeida (2019) explica-nos sobre como o racismo permeia toda a nossa sociedade, abordando-o como uma maneira sistemática de discriminação que se baseia na raça para justificar práticas e mecanismos que garantem a desigualdade social, criando privilégios para certos grupos e marginalizando outros.

Portanto, o racismo não é apenas um problema ético e individual, mas um problema social, político, e, portanto, coletivo.

O que é diferente de **preconceito**: que seria um juízo de valor pré-concebido formado por uma pessoa em relação ao outro. E **discriminação**: atitude desigual e injusta para com o outro com base no gênero, religião, raça, entre outros fatores (Almeida, 2019).

Assim, é necessário compreender que o racismo não se limita apenas a atitudes individuais, mas **que este padrão sistemático de práticas** o perpetua e legitima o poder de certos grupos .

Para entender mais desta discussão, busque a obra de referência: *Racismo estrutural*, de Silvio Almeida.



8. Representações do negro na Literatura brasileira

De acordo com Cuti (2010), o negro era representado de forma pitoresca no romantismo e folclórica no modernismo brasileiro, o que só muda no final do século XX.

“O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário noções classificatórias e conceituações da obra de poesia e ficção”. (Cuti, 2010, p. 12).

Ademais, Cuti (2010) defende uma literatura que inclua personagens negros, porém que os trate como complexos e humanos, e não como “exóticos” e estereotipados.

Para entender mais desta discussão, busque a obra de referência: *Literatura negro-brasileira*, escrita por Cuti.



9. Escrevivências

Em entrevista, Conceição Evaristo (2020), explica que o termo **escrevivência** surgiu das suas vivências somadas ao ato de escrever, ou seja, tem a influência profunda de sua experiência de mulher negra na sociedade, o que impacta diretamente na sua produção literária.

“A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p. 12).

Ou seja, uma escrita engajada com as lutas sociais a respeito da pauta racial no Brasil. Esse conceito poderá ser uma ferramenta para pensar a Literatura não apenas como uma construção literária, mas também um registro das subjetividades, o que enriquece muito a leitura, pois trabalha uma narrativa que existe e muitas vezes foi silenciada.

Assim, pode-se valorizar memórias marginalizadas, além de funcionar como uma representação que dialoga com a realidade de muitas pessoas. O que é essencial para pensar a Literatura numa perspectiva mais inclusiva.



 [@conceicaovaristooficial](https://www.instagram.com/conceicaovaristooficial)

Conceição Evaristo é escritora com uma vasta produção literária e professora universitária brasileira. Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais.



10. Educação antirracista

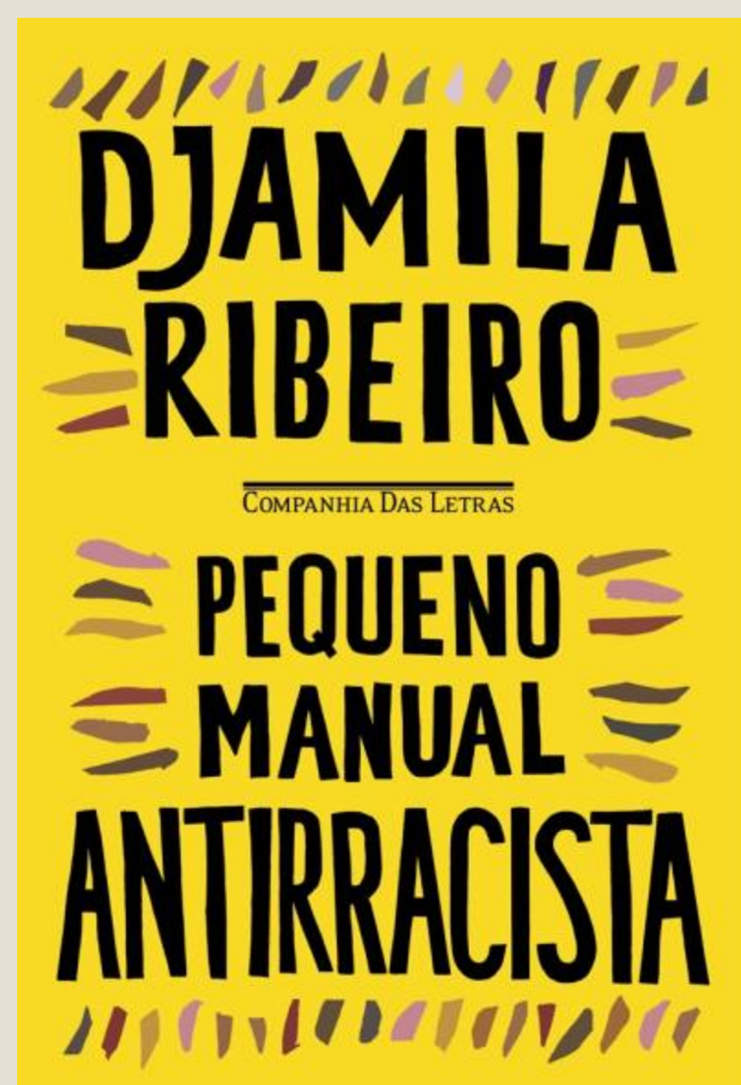
De acordo com Ribeiro (2019), é importante reconhecer que o racismo é um problema estrutural e refletir sobre espaços de privilégio e de exclusão, não para sentir culpa, mas para se responsabilizar, de forma que leve a uma ação consciente. Dessa forma, propõe-se desnaturalizar o olhar para o tema do racismo.

Além disso, Ribeiro (2019) problematiza as interseções de gênero, pois, no contexto brasileiro, a mulher negra é ainda mais afetada em termos de violência, oportunidade de emprego e desigualdade nos salários.

“A importância de estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber. É possível acreditar que pessoas negras não elaborem o mundo?” (Ribeiro, 2019, p. 24).

Para entender mais desta discussão, busque a obra de referência:

Pequeno Manual Antirracista, escrita por Djamila Ribeiro.



[@djamilaribeiro1](https://www.instagram.com/djamilaribeiro1)

11. Literaturas Indígenas

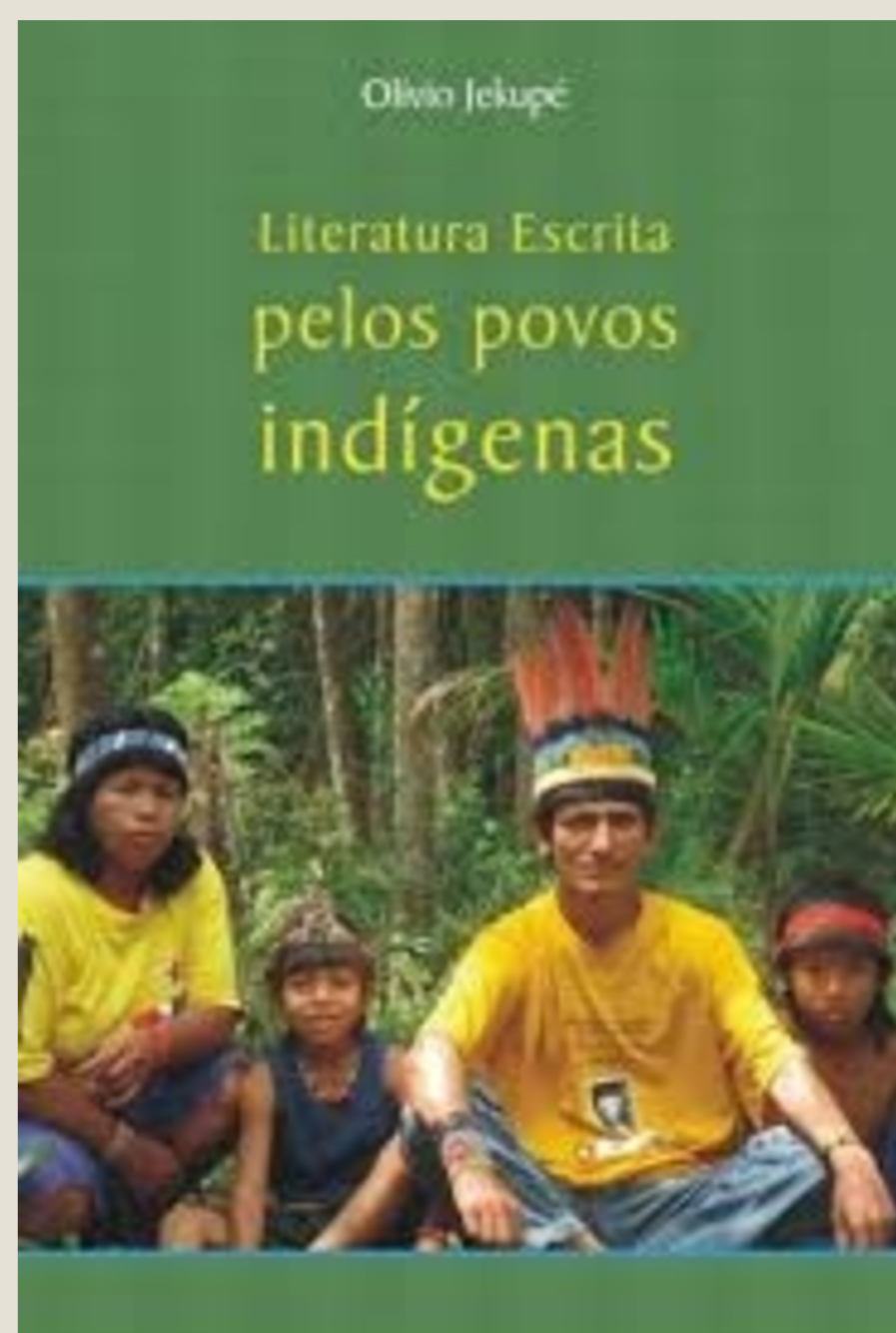
No Brasil, existem diversos grupos indígenas de diferentes etnias, que falam diferentes línguas e tem costumes próprios. Dessa forma, tratamos a respeito de Literaturas indígenas no plural, como forma de demarcar que existem diferentes grupos e culturas que produzem sua própria Literatura.

Segundo Jekupé (2009), literatura indígena são obras/textos, ilustrações com a autoria dos próprios indígenas dentro das suas vivências em diferentes contextos, seja urbano, seja rural. Isto é, livros que apenas abordem a temática indígena podem não ter autoria necessária para entrar nessa classificação.

Cabe ressaltar que nem todos os grupos indígenas preferem o registro escrito para contar suas histórias e narrativas, sendo também utilizada a oralidade como forma de preservar e transmitir sua cultura.

Para entender mais desta discussão, busque a obra de referência:

Literatura Escrita pelos povos Indígenas, de Olívio Jekupé.



Contextualizando o cenário das Literaturas indígenas nas palavras de Daniel Munduruku (2018):

“É aqui que se inscreve a literatura indígena. Longe de estar ocupando um espaço largo na memória nacional, ainda tateia procurando seu lugar de pertencimento no cenário literário brasileiro. Isso acontece especialmente porque o lugar da escrita não costuma permitir que aventureiros ali se instalem, diferentemente de outras artes.

Não, não quero depreciar o que cada arte produz, mas dizer que a literatura, para ser reconhecida como tal, passa por um crivo crítico que vai além do gosto popular. Até muito pouco tempo atrás era comum pessoas dizerem que não existia literatura indígena porque os nativos não dominavam a escrita e seu instrumento preferencial era a oralidade. Alguns especialistas chegavam a dizer que um indivíduo indígena, ao escrever, deixava de ser indígena, porque isso é incompatível com sua tradição oral”.

Para acessar o texto na íntegra ou ouvir a narração, acesse:

<https://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna> Publicado em 16/03/2018.



[Daniel Munduruku](#) é um escritor indígena do povo Munduruku, nasceu em Belém no Pará.



[@danielmundurukuoficial](#)

12. Representações dos povos indígenas na Literatura brasileira

No período do Romantismo no Brasil, há algumas representações de indígenas como “bons selvagens” (Barbosa, 2008), o que pode ser verificado nas obras de José de Alencar (2015; 2020) como “Iracema” e “Guarani”. Nesse sentido, já percebemos a presença do estereótipo, lógica romantizada e maniqueísta, que anula e também simplifica as subjetividades dos indígenas.

Segundo Menezes (2022), no Modernismo brasileiro, em especial na Semana de Arte Moderna de 22, embora os artistas indígenas não estivessem presentes, a cultura dos povos indígenas foi utilizada principalmente na ideia da antropofagia.

“Não podemos mais pensar em um indígena da época da invasão colonizadora, uma figura petrificada no tempo, que foi estereotipada ao longo de todo o processo de formação de nossa nação brasileira” (Hakiy 2018, p. 37).



Para refletir: como uma forma de resposta às representações dos elementos da cultura indígena no Modernismo brasileiro, podemos citar a obra do artista visual Denilson Baniwa, chamada de “ReAntropofagia”, de 2019.

Sugestão de **Leitura** de aprofundamento sobre a obra: Vaivém Histórico, do mesmo autor. <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/201365>

13. Literaturas indígenas na escola

Um dos pressupostos para pensarmos as Literaturas indígenas para além dos estereótipos é o acesso à formação diversificada, que contemple diversos autores, considerando a diversidade para além do enfoque eurocentrista.

De acordo com Cagnetti e Pauli (2015), apesar de não existir uma uniformidade, as escolas, por muito tempo, representaram a cultura indígena de forma padronizada, sem levar em consideração as diversas etnias e peculiaridades de cada grupo.

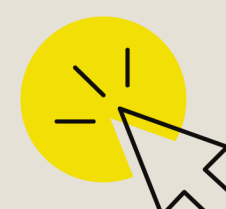
Segundo o depoimento de Daniel Munduruku: “A história do Brasil é contada pelo ponto de vista europeu, que é o nosso colonizador. Os indígenas sempre ficavam em um papel secundário, terciário, lá no final da fila. Não havia interesse e a imagem que se fazia desse personagem indígena era uma imagem desqualificada”.

Para fazer a leitura integral da entrevista, acesse: <https://alana.org.br/literatura-indigena/>

Segundo Cagnetti e Pauli (2015), a utilização das literaturas indígenas em sala de aula terá um valor substancial para ressignificar o que se sabe sobre os povos ancestrais, quem são eles, sua língua e seus costumes. Para refletir sobre essa ressignificação podemos citar versos do poema de Graça Graúna (Munduruku, 2018, p.89): **“Ao escrever, dou conta da minha ancestralidade; do caminho de volta, do meu lugar no mundo.”**



[Graça Graúna](#) é uma escritora indígena do povo potiguara. Nasceu em São José do Rio Campestre no Rio Grande do Norte. Siga o blog da autora: <https://gracagrauna.com/>



14. O que diz a Legislação?



A Lei nº10.639 de 2003, é um marco na legislação brasileira, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. É fruto de uma luta coletiva pela representatividade das pessoas negras e combate ao racismo no Brasil.

Outra Lei importante é a de nº11.645 de 2008, que é complementar a Lei nº 10.639/2003, acrescentando também a obrigatoriedade do estudo das culturas indígenas juntamente às afro-brasileiras.

De acordo com Gomes (2019, p. 27), a educação é um instrumento fundamental para a superação das desigualdades raciais. A inclusão da história e da cultura afro-brasileira no currículo escolar é essencial para que os alunos negros possam ver suas histórias e experiências representadas e para que os alunos brancos possam aprender sobre a história e a cultura de um povo que foi sistematicamente oprimido.

Para maiores informações acesse:

Papo Preto #110: O que é a Lei 10.639? (Uol. Podcast Papo Preto, 2023), link: https://www.youtube.com/watch?v=LN_wDI7_A3w

Leis 10.639 e 11.645 - Desafios e oportunidades para implementação (Todos pela educação, 2023), link: <https://www.youtube.com/watch?v=DQ8ogBRQUck>



15. Diversidade

Diversidade, palavra que pode ser entendida como o “conjunto de diferenças e valores de um dado grupo humano, seja de gênero, etnia, religião, situação econômica, nacionalidade, idade, orientação sexual e outros” (Glossário da Diversidade, SAAD UFSC, 2017).

Para Gusmão (2000, p. 12), “o diferente e a diferença são partes da descoberta de um sentimento que, armado pelos símbolos da cultura, nos diz que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou”.

A escola é um espaço de promoção da diversidade, pois deve estabelecer um ambiente que valorize e respeite as diferenças presentes, sejam sociais, religiosas, culturais, étnicas, de gênero, físicas, etc.

Em seu Artº 3, a LDB (1996) reforça que o ensino será baseado no respeito a todos, conforme o inciso:

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Para que isso ocorra de fato, são necessárias diversas medidas, como: práticas pedagógicas inclusivas, combate ao preconceito, racismo e bullying e promover o diálogo e discussões saudáveis sobre as mais diversas temáticas de modo a celebrar a diversidade.



16. Colonialidade que nos permeia

Para Quijano (2005), a **colonialidade** é uma estrutura de dominação e forma de poder, que permanece mesmo com o fim do colonialismo histórico datado, ou seja, ela ainda permeia nossas relações e esse modelo de poder permanece.

Esse fenômeno é chamado pelo autor de **colonialidade do poder**. Para que isso pudesse ser legitimado é que se cria o conceito de raça.

Dois preceitos importantes para a lógica colonial na modernidade são: a superioridade dos brancos europeus sobre os povos originários e negros, isto é os não-brancos; e também a nova organização das formas de trabalho no capitalismo.

Quijano faz parte de um grupo de pesquisadores chamado “**Modernidade/Colonialidade**”, com diversos estudiosos da América Latina.

Busque também outros autores como: Mignolo, Maldonado-Torres, Lander, Walsh.



Aníbal Quijano foi um sociólogo peruano e um dos principais estudiosos sobre a temática da modernidade e colonialidade na América Latina.



17. A questão Decolonial

Afinal, qual a diferença de **decolonial** e **descolonial**?

Os termos são usados frequentemente como sinônimos, porém têm sentidos diferentes.

A pesquisadora Catherine Walsh (2013) faz uma crítica ao termo **descolonial**, pois ele pode ser entendido como algo que poderia ser desfeito, revertido, do colonial. Já o termo **decolonial** está associado aos autores da América Latina (Quijano, Mignolo, Dussel e demais autores) que defendem que a colonialidade ainda nos permeia na modernidade.

Segundo Walsh (2013), o termo **decolonial** é pensar a partir da herança colonial.

Mignolo (2008) nos propõe pensar que a Decolonialidade é uma **desobediência epistêmica**. Ou seja, um movimento de ruptura com o pensamento dominante como único possível, considerado como “superior” ou “universal” que foi tradicionalmente imposto: o eurocentrismo.

Dessa forma, a proposta seria uma resistência à visão eurocêntrica e que busca a valorização de outras perspectivas do conhecimento que foram marginalizadas historicamente e oprimidas, que envolvem diversos saberes, tais como dos povos originários e afro-diaspóricos. Nessa concepção, concebe-se a pluralidade de vozes.



Catherine Walsh é professora do programa de Doutorado em Estudos Culturais Latino-americano da Universidade Simón Bolívar e pesquisadora da pedagogia decolonial.



18. Qual a importância da perspectiva decolonial no espaço escolar?

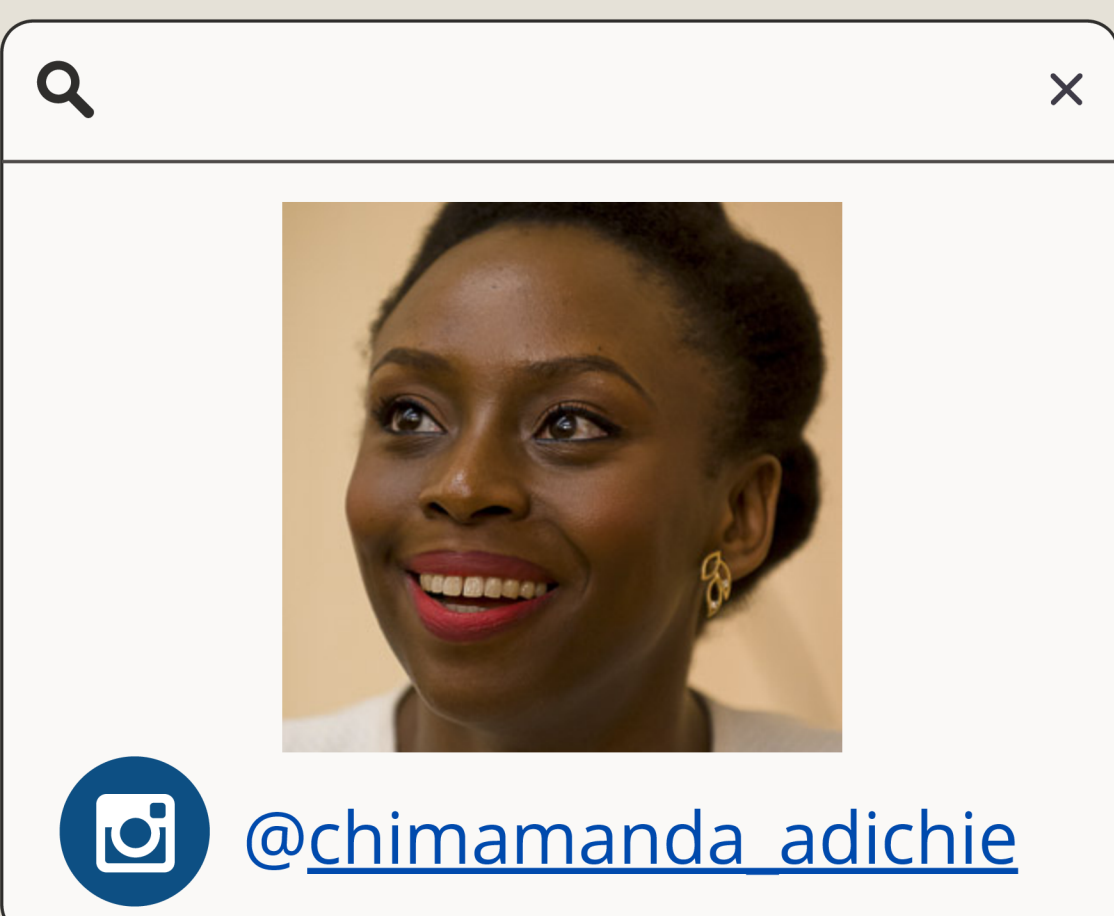
Pensar a educação na perspectiva decolonial é elementar para questionar e buscar transformações nas estruturas de poder, na busca de uma educação mais inclusiva, que respeite a diversidade.

Também é uma crítica ao eurocentrismo como narrativa única e dominante, para, então, considerar outras formas de compreender o mundo.

Além de romper com estereótipos, por meio da valorização de diferentes culturas, e, portanto, buscar construir um projeto de sociedade mais igualitário e que abrace diversas vozes.

A perspectiva decolonial está alinhada à educação antirracista, pois envolve a conscientização dos sujeitos a respeito das estruturas de poder presentes em nossa sociedade e as diferentes formas de opressão.

“A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história” (Adichie, 2019, p. 33)



Chimamanda Adichie é uma premiada escritora contemporânea, produziu ensaios e textos literários, é feminista e nasceu em Enugu na Nigéria.



19. O que é Interseccionalidade?

Collins e Bilge (2021) atribuem créditos a Kimberlé Crenshaw (1989) como percursora deste termo, no entanto explicam a interseccionalidade de acordo com seus estudos como: uma abordagem que explica as diversas formas de opressão e privilégios presentes na sociedade, referentes a raça, gênero, sexualidade, classe, etnia, etc.

Essas categorias não são independentes, mas estão entrelaçadas e criam camadas de poder que moldam as experiências dos indivíduos ou de certos grupos sociais e se influenciam mutuamente (Collins e Bilge, 2021).

Assim para as autoras, Collins e Bilge (2021), a **interseccionalidade** não apenas é uma categoria importante ao analisarmos diferentes formas de dominação e opressão que estão conectadas em nível individual, institucional e comunitário, mas também uma práxis crítica.

Isto é, todas as categorias estão ligadas, dessa forma visando uma sociedade mais justa e inclusiva é essencial contemplar e afirmar a complexidade das relações sociais com diversos “recortes”, a interseccionalidade serve como um guia político para ação.

Para entender mais desta discussão busque a obra de referência:

Interseccionalidade, escrito por Collins e Bilge, 2021.



Outra escritora essencial nessa discussão é **González** (2020), por meio de sua obra podemos encontrar discussões fundantes, que darão base à problemática interseccional. A autora foi uma das pioneiras em discutir o feminismo negro no Brasil, pois ela desafiava o pensamento feminista predominante que trazia como narrativa principal a experiência de mulheres brancas da classe média, assim invalidando o sofrimento de outras mulheres.

Assim, ela questionava o recorte de gênero e pensava também o racial e de classe (González, 2020), de modo que todas as categorias são relevantes para pensar a realidade e também a potência da diversidade da sociedade brasileira.

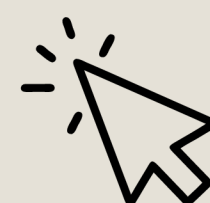
González (2002) ajuda-nos a compreender o contexto brasileiro ao explicar que a acumulação capitalista só funciona por meio do subdesenvolvimento de algumas regiões, expondo as desigualdades nas relações de poder e exploração da periferia.

Ainda dentro do recorte de exploração alguns sujeitos são mais afetados, pois “se pessoas possuidoras dos mesmos recursos (origem de classe e educação, por exemplo), excetuando sua afiliação racial, entram no campo da competição, o resultado desta última será desfavorável aos não brancos” (González, 2020, p. 26) .

Descubra mais sobre a autora no blog:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/lelia-gonzalez/>



Lélia González é uma filósofa brasileira e ativista que ajudou a fundar o Movimento Negro Unificado (MNU). Atuou intensamente na luta antirracista no país.



No Brasil, uma autora de referência que pesquisa a interseccionalidade é **Carla Akotirene**, segundo a autora:

“A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas” (Akotirene, 2019, p. 48). Isto é, diferentes aspectos da identidade interagem e afetam a realidade que o sujeito vivencia, criando camadas de opressão ou privilégio, portanto não podem ser analisadas em caixinhas separadas, pois todas interceptam o indivíduo simultaneamente.

Akotirene (2019) debruça-se nos estudos da interseccionalidade, racismo, sexismo e pensando também o feminismo negro brasileiro. Assim, a teoria contempla e valoriza a diversidade humana, instigando reflexões sobre as diferentes realidades e como estas categorias e experiências afetam a vida das pessoas, o que pode ser valioso também no espaço escolar, pois poderá ser usada como um prisma para pensar as realidades e contextos sociais, desenvolvendo a capacidade crítica além de promover práticas pedagógicas mais inclusivas.

Como a Literatura se relaciona com a Interseccionalidade?

Podemos pensar esse conceito relacionado com a Literatura, uma vez que ela nos oferece uma oportunidade de conhecer diversas narrativas, com personagens que experienciam diferentes formas de opressão ou de privilégio.

Para entender mais desta discussão busque a obra de referência: *Interseccionalidade*, de Carla Akotirene, 2019.



@carlaakotirene

20. Sugestões de cursos livres

Curso: *Constelação das Artes – experiências literárias brasileiras: formas de existir*

Com certificação

Link de acesso:

<https://escola.itaucultural.org.br/autoformativos/constelacao-das-artes-experiencias-literarias-brasileiras-formas-de-existir>

Curso: *Literatura, história e cultura afro-brasileira na sala de aula*

Com certificação

Link de acesso: <https://mooc.ifro.edu.br/course/view.php?id=9>

Curso: *Minicurso - Estudos de literatura e o pensamento decolonial: um diálogo necessário*

Sem Certificação

Link de acesso:

<https://www.youtube.com/watch?v=UVjc1D0k5rA>

Curso: *Minicurso - Literatura e tradições afro-brasileiras*

Com certificação

Link de acesso:

https://ead.sesc.digital/cursos/course-v1:sescsaopaulo+c023+2025_neilopes/sobre



Curso: *Minicurso - Desconstruindo o racismo na prática*

UNIAFRO: UFRGS

Com certificação

Link de acesso:

<https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=475>

Curso: *Minicurso - Oliveira Silveira: o poeta da consciência negra brasileira*

Com certificação

Link de acesso:

<https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=256>

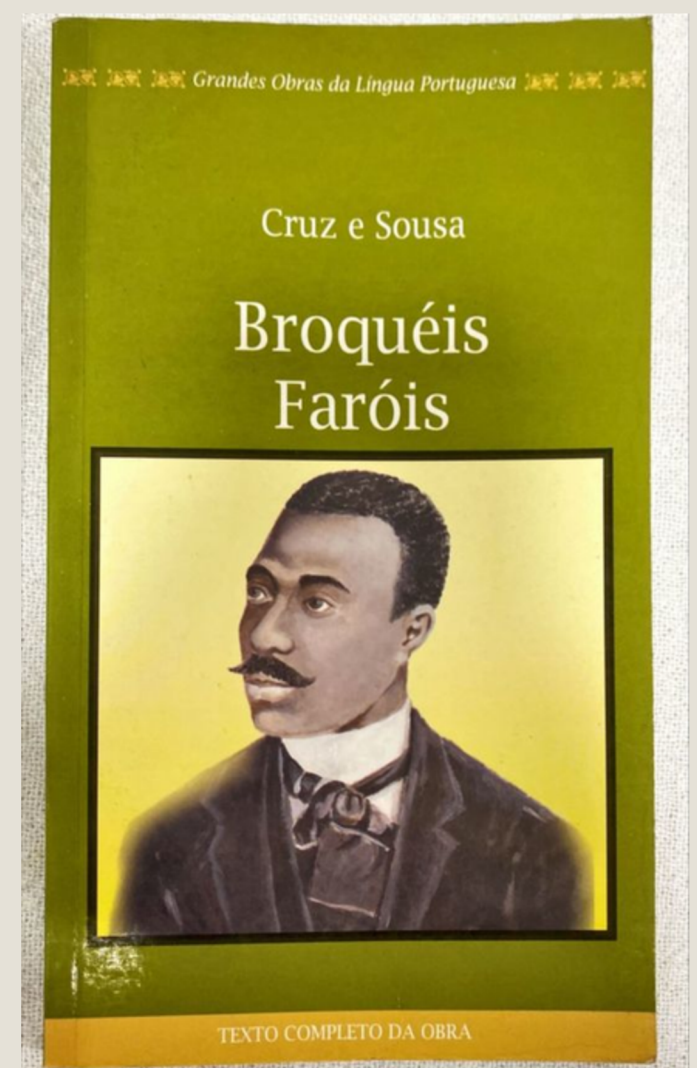
21. Indicações de textos literários e ensaios

Escritor(a): **Cruz e Sousa.**

Obra sugerida: Broquéis; Faróis, 2007.

Editora: Avenida.

Disponível na biblioteca do IFC e domínio público.



Escritor(a): **Conceição Evaristo.**

Obra sugerida: *Olhos d'água*, 2014.

Editora: Pallas.

Disponível na biblioteca do IFC.



Escritor(a): **Carolina Maria de Jesus.**

Obra sugerida: *Quarto de despejo*, 2015.

Editora: Ática

Disponível na biblioteca do IFC.



Escritor(a): **Lima Barreto.**
Obra sugerida: *Recordações do escrivo Isaías Caminha*, 2010.
Editora: Penguin-Companhia.
Disponível na biblioteca do IFC e domínio público.



Escritor(a): **Ana Maria Gonçalves.**
Obra sugerida: *Um defeito de cor*, 2006.
Editora: Record.
Disponível na biblioteca do IFC.



Escritor(a): **Cuti.**
Obra sugerida: *Contos crespos*, 2012.
Editora: Mazza Edições.
Disponível para compra no site da editora.



Escritor(a): **Solano Trindade.**

Obra sugerida: *Poemas antológicos de Solano Trindade*, 2009.

Editora: Nova Alexandria.

Disponível para compra na Amazon.



- - - - -

Escritor(a): **Graça Graúna.**

Obra sugerida: *Flor da mata*, 2014.

Editora: Penninha Edições.

Disponível para compra na Amazon.



- - - - -

Escritor(a): **Maria Firmina dos Reis.**

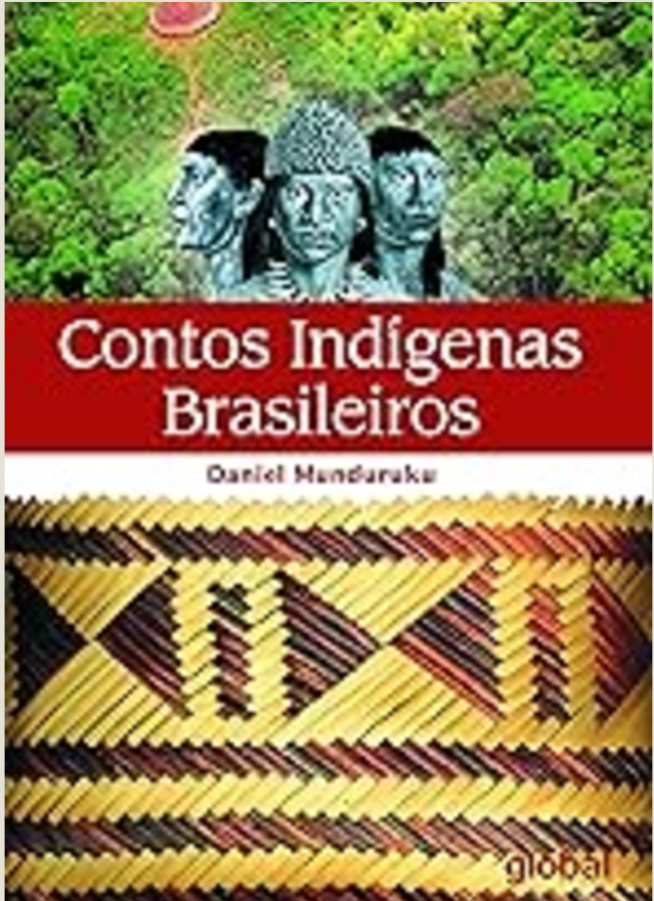
Obra sugerida: *Úrsula*, 2018.

Editora: Penguin-Companhia.

Disponível na biblioteca do IFC.



Escritor(a): **Daniel Munduruku.**
Obra sugerida: *Contos indígenas brasileiros*, 2004.
Editora: Global Editora.
Disponível na biblioteca do IFC.



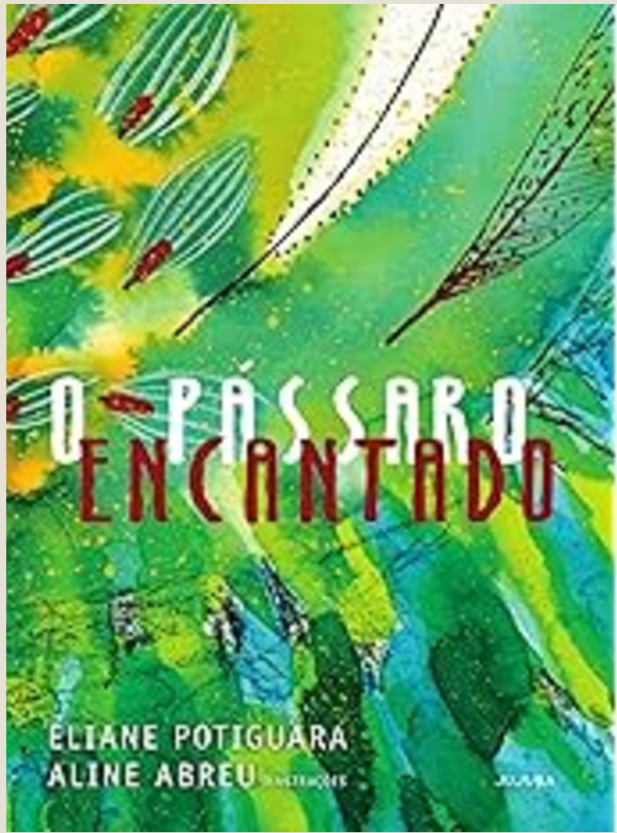
Escritor(a): **Ailton Krenak**
Obra sugerida: *Ideias para adiar o fim do mundo*, 2020.
Editora: Companhia das Letras.
Disponível na biblioteca do IFC.



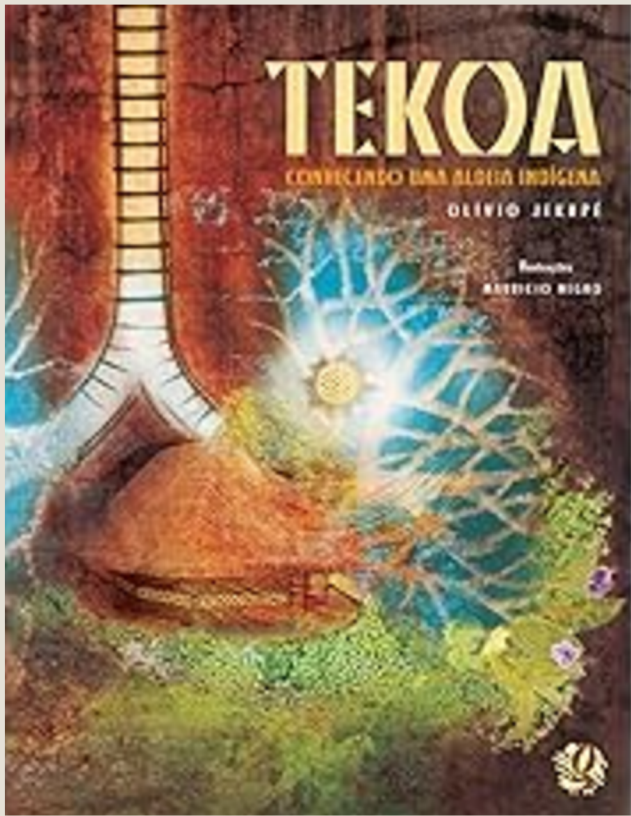
Escritor(es): **Heliene da Costa Org.**
Obra sugerida: *Literatura é território: poéticas femininas indígenas em movimento*, 2024.
Editora: Appris Editora.
Disponível para compra na Amazon.



Escritor(a): **Eliane Potiguara.**
Obra sugerida: *O pássaro encantado*, 2014.
Editora: Jujuba Editora.
Disponível para compra no site da editora.



Escritor(a): **Olívio Jekupé**
Obra sugerida: *Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena*, 2011.
Editora: Global Editora.
Disponível para compra na Amazon.



Escritor(a): **Márcia Kambeba**
Obra sugerida: *Saberes da floresta*, 2020.
Editora: Jandaíra.
Disponível para compra na Amazon.



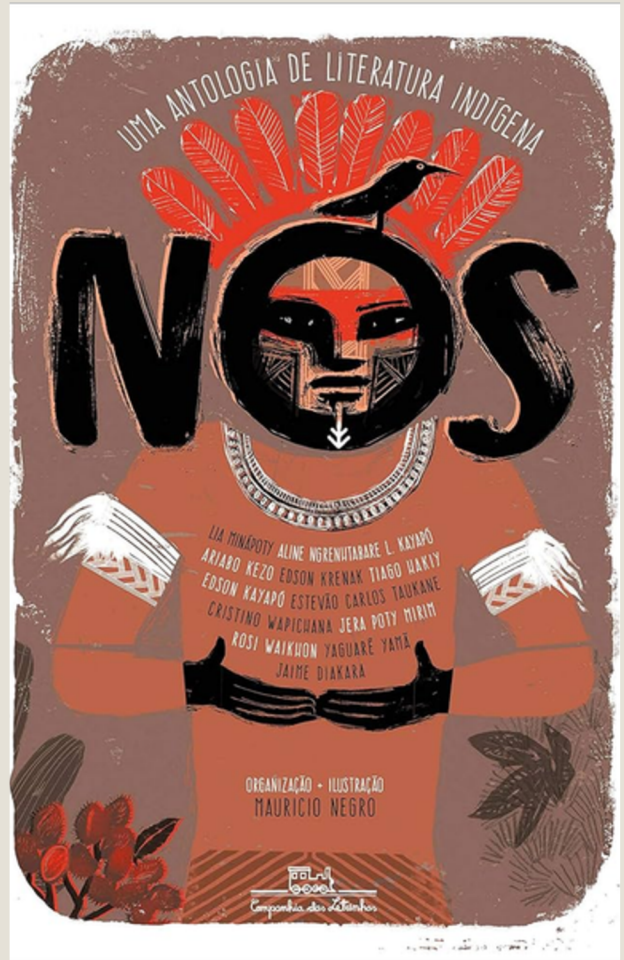
Escritor(a): **Jeferson Tenório**
Obra sugerida: *O Averso da Pele*, 2021.
Editora: Companhia das Letras.
Disponível na biblioteca do IFC.



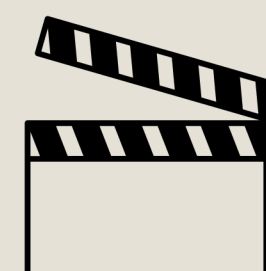
Escritor(a): **Julie Dorrico**
Obra sugerida: *Eu sou Macuxi e outras histórias*, 2019.
Editora: Caos e Letras.
Disponível para compra na Amazon.



Escritor(a): **Diversos escritores, organizado por Mauricio Negro.**
Obra sugerida: *Nós: uma antologia de literatura indígena*, 2019.
Editora: Companhia das Letras.
Disponível para compra na Amazon.



22. Indicações cinematográficas



Documentários:

Título: *A coisa tá preta.*

Direção e produção: Gabriel Filipe.

Ano: 2021.

Acesso em: https://www.youtube.com/watch?v=_fNXmlqZOr8

Título: *AmarElo – É tudo pra ontem.*

Direção e produção: Fred Ouro Preto/ Evandro Fióti.

Ano: 2020.

Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=FQ9hCN0ZYSg>

Título: *Luiz Gama: O Advogado da Liberdade.*

Direção e produção: Jornalismo TV Cultura.

Ano: 2021.

Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=WJ1aDH63QrE>



Título: *O território.*

Direção e produção: Alex Pritz / Darren Aronofsky.

Ano: 2022.

Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=4ZWR2ShKnT4>

Título: *Mboraihu - O Espírito que nos Une.*

Direção e produção: Grupo de pesquisa Ambiente, Diversidade e Saúde - ligado à ENSP/Fiocruz.

Ano: 2019.

Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=ii68cdyBfRs>

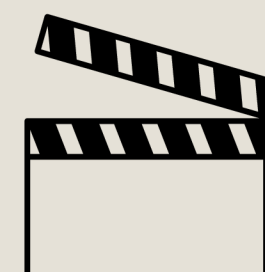
Título: *Você faz a diferença*

Direção e produção: Miriam Chnaiderman/ Patrícia Stifelman

Ano: 2005.

Acesso em: <https://www.youtube.com/watch?v=iTvZNNwbVKA>

Curta-metragem



Título: *Kalapalo*

Direção e produção: Daniele do Nascimento Rodrigues

Ano: 2015

Assista em: <https://vimeo.com/247672663>



Título: *Caminhos dos gigantes*

Direção e produção: Alois Di Leo

Ano: 2016

Assista em: <https://www.youtube.com/watch?v=xVDsaAFIBeg>

Título: *Hair Love*

Direção e produção: Matthew A. Cherry / Bruce W. Smith / Karen Rupert Toliver / Monica A. Young

Ano: 2019

Assista em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXwWxRjrVA8>

Título: *Kbela*

Direção e produção: Yasmin Thayná/ Monique Rocco / Erika Cândido

Ano: 2015

Assista em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXwWxRjrVA8>

Título: *Tudo Verdim, uma constelação de memórias inventadas*

Direção e produção: Alunos da Escola Estadual Indígena Angelo Pereira Xavier / Marcus Vinícius Martins

Ano: 2013.

Assista em: <https://www.facebook.com/watch/?v=406010937424255>

23. TED Talks e entrevistas



O Perigo de uma única história, Chimamanda Adichie - Ted Talks, 2009.

Duração: 19 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>

Precisamos romper os silêncios, Djamila Ribeiro - TEDxSaoPauloSalon, 2017. Duração: 10 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6JEdZQUmdbc>

Uma visão decolonial dos conhecimentos científicos, Katemari Rosa - TEDxBeloHorizonte, 2022. Duração: 19 min.

Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=26Q0CZgPSgk&t=4s>

A literatura indígena: conhecendo outros brasis | Julie Dorrico | TEDxUnisinos, 2020. Duração: 14 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=gKVOXmuEbwU>

Diálogos: Desafios para a decolonialidade - UNBTV, 2019. Duração: 20 min. Disponível em:

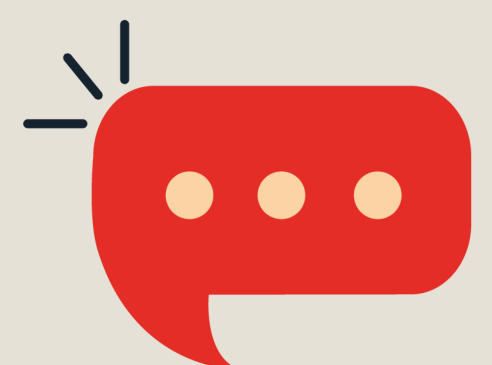
https://www.youtube.com/watch?v=qFZki_sr6ws&t=18s

Interseccionalidade - Djamila Ribeiro e Carla Akotirene - Feminismos Plurais, 2020. Duração: 58 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KFncigGbDeE>

Literafro Entrevista - Cuti (Luiz Silva), 2018. Duração: 46 min. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KOkboCMIWWQ&t=1269s>



24. Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Panda Books, 2015.

ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Principis, 3ª ed., 2020.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, Frederico. **Literatura e Cultura Brasileira**. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso: 02/08/2024.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso: 02/08/2024.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de marco de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 02/08/2024.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em 28/11/2024.

CAGNETTI, Sueli de Souza; PAULI, Alcione. **Trilhas Literárias indígenas para a sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

Clavatta, Maria. O ENSINO INTEGRADO, A POLITECNIA E A EDUCAÇÃO OMNILATERAL. POR QUE LUTAMOS?/The integrated education, the polytechnic and the omnilateral education. Why do we fight? **Trabalho & Educação**, v. 23, n. 1, p. 187-205, 2014.

Clavatta, M.; Lobo, R. Pedagogia socialista. In: Caldart, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Collins, Patricia Hill; Bilge, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.

Cosson, Rildo. **Letramento Literário**. Teoria e Prática. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

Cuti. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

Evaristo, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. In: Schneider, Liane; Moreira, Nadilza Martins de Barros (org). **Mulheres no mundo, etnia, marginalidade e diáspora**. 2. ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

Frigotto, Gaudêncio; Clavatta, Maria; Ramos, Marise. A gênese do decreto n. 5.154/2004: um debate no contexto controverso da democracia restrita. In: _____. (Org.). **Ensino médio integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005a.

Glossário da diversidade. UFSC: SAAD, 2017.

Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/tags/glossario-da-diversidade/>
 acesso: 26/08/2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Educação para as relações étnico-raciais: desafios e perspectivas.** São Paulo: Selo Negro, 2019.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GUSMÃO, Neusa M. M. Desafios da Diversidade na Escola. **Revista Mediações**, Londrina, v.5, n.2, p. 928, jul/dez, 2000.

HAKIY, TIAGO. Literatura indígena - a voz da ancestralidade, In: INDORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. **Literatura Indígena brasileira contemporânea.** Criação, Crítica e Recepção, 2018.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas.** São Paulo, SP: Scortecci, 2009.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes (org.) **A função da literatura na escola: resistência, mediação e formação leitora.** São Paulo: Parábola, 2021.

MIGNOLO, W. D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade**, 34, 287-324, 2008.

MENEZES, Adriana Vilar de. As referências indígenas no Modernismo: do caráter antropofágico à reantropofagia. Todo o repertório indígena vem de fontes indiretas, presença que se dá pela ausência. **Ciência e Cultura**, v. 74, n. 2, p. 1-5, 2022.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **HOLoS**, Ano 23, Vol. 2, 2007. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura: O reencontro da memória. In: INDORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco. **Literatura Indígena brasileira contemporânea**. Criação, Crítica e Recepção, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

RAMOS, Marise. **Concepção do ensino médio integrado**. Texto apresentado em seminário promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Pará, v. 8, p. 1-26, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **As Teorias da Educação e o Problema da Marginalidade**. In: Cadernos de Pesquisa de São Paulo. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, nº 42, p. 08-18, Agosto, 1982.

WALSH, Catherine (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

ART'PALAVRAS, 2017. Escrevivência indígena.
<https://ggrauna.blogspot.com/2017/09/escrevivencia-indigena.html>.
Acesso em: 15/09/2024.

DE AZEVEDO, Wagner F. INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. O legado de Aníbal Quijano para o pensamento latino-americano descolonizado, 2018. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/579677-o-legado-de-anibal-quijano-para-o-pensamento-latino-americano-descolonizado>. Acesso em: 18/09/2024.

GLOBAL EDITORA, 2024. Daniel Munduruku.
Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=1000>. Acesso em: 17/09/2024.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA. UFMG. Cuti. Disponível em:
<http://www.letras.ufmg.br/literaafro/autores/212-cuti>. Acesso em: 17/09/2024.

MUNDURUKU, Daniel. A literatura indígena não é subalterna. Itaú Cultural. Disponível em:
<https://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna>
Publicado em 16/03/2018. Acesso em: 17/09/2024.

RIOS, Flavio. 2021. Blog de Ciências da UNICAMP: Mulheres na filosofia. Disponível em:
<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/lelia-gonzalez/>
Acesso em: 23/09/2024.

SANTANA, Tayrene. ZAPPAROLI, Alecsandra. Itaú Social: CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>
Acesso em: 23/09/202

MUSEU DE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: Catherine Walsh e a pedagogia da decolonialidade. Disponível em:
<https://globaleducation767229770.wordpress.com/galeria-educadores/catherine-walsh-e-a-pedagogia-da-decolonialidade/>
Acesso em: 23/09/2024.